

## RADAR

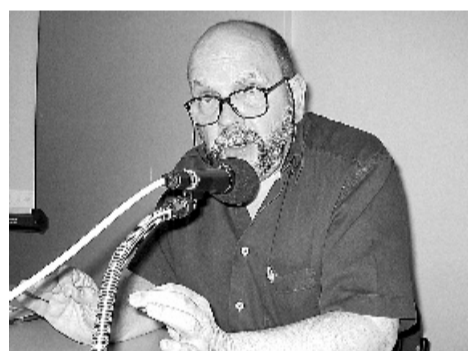
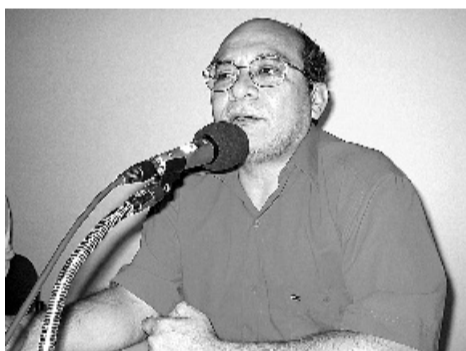
# Debate sobre “alternativas para o Brasil” opôs visões sobre saídas políticas e econômicas

FOTOS: ANA PAULA NOGUEIRA



Maestri (ao microfone) no debate junto com Rondinel (à direita), mediado por Konrad

## Algumas possibilidades apontadas



Rondinel: soluções que não sejam "abstratas" Maestri: impossível conciliar-se com o Capitalismo

Dentre as alternativas apontadas para o Brasil, que segundo Rondinel são compartilhadas por várias correntes de economistas estão:

- Comando da economia pelo Poder Público, não pelo mercado. A realização de um planejamento econômico;
- Políticas para efetivar o crescimento interno, sem deixar de reconhecer o papel do mercado externo;
- Política industrial estratégica;
- Valorizar a poupança interna, desincentivando o capital especulativo;
- Controle de capitais de curto prazo.

Para o professor da UFSM, ex-presidente da SEDUFSM, nos últimos 20 anos se consolidou a idéia da especulação financeira. É preciso, segundo ele, um conjunto de arranjos para inverter essa lógica. Já no entendimento de Mário Maestri, não há solução conciliatória com o capitalismo. É preciso romper com a lógica do capital e, para isso, há necessidade de avanço dos trabalhadores e dos movimentos sociais. Para o historiador, em âmbito mundial já se vislumbra uma recomposição dos trabalhadores. “A construção do Socialismo é uma necessidade de sobrevivência”, sentencia.

(Acompanhe mais sobre a programação dos 16 anos da SEDUFSM nas páginas 10 e 11 deste jornal)

A SEDUFSM realizou na noite do dia 13 de dezembro a última atividade referente aos 16 anos da entidade. O tema objetivou buscar “alternativas para o Brasil” diante do atual quadro conjuntural, que envolve uma crise política entremeada com dificuldades econômicas. Mesmo que ambos os palestrantes, os professores Mário Maestri (historiador da Universidade de Passo Fundo-UPF) e Ricardo Rondinel (Economia da UFSM) tenham semelhança nas críticas à política econômica que vem sendo implementada no país há mais de duas décadas, ambos divergem profundamente no momento de apontar possíveis soluções. Maestri aponta para ações “radicais”, que incluem desde a negação ao pagamento das dívidas externa e interna, até a estatização do sistema financeiro. Rondinel não vê esse horizonte de transformação abrupta no curto prazo e defende uma mudança de rumos na economia que priorize a recuperação econômica, o mercado interno e os investimentos sociais. O economista vê como fundamental a construção de elementos concretos para a “inserção ativa do Brasil no comércio internacional”.

O historiador reconhece que o momento atual não é de facilidade para que se consiga chegar ao que ele projeta,

que significa uma guinada total num modelo de desenvolvimento que ele considera sem saída (o neoliberal). Maestri destaca que nem mais o nacional-desenvolvimentismo defendido em países latino-americanos nas décadas de 60 e 70 se sustentaria na realidade atual. O professor da UPF resgata escritos da líder social-democrata alemã Rosa Luxemburgo, que escreveu que a saída seria o “socialismo” ou a “barbárie”. Maestri acredita que o capitalismo em desenvolvimento hoje no mundo é “barbárico”. E, cita como exemplo a “rapinagem” que os Estados Unidos estariam efetivando no Iraque. O professor Ricardo Rondinel, provocado nas análises feitas por Mário Maestri, rebateu a argumentação de que seria um defensor do governo Lula. Afirmou não pertencer a qualquer partido político e que buscou fazer uma análise dos números da economia nos últimos anos sem falsear nada a favor ou contra qualquer governo. Rondinel disse que baseou sua análise dentro de uma realidade concreta, que é o mundo capitalista, pois analisar dentro de um modelo que não deu certo, por exemplo, no Leste Europeu, seria trabalhar com algo abstrato. Compareceram ao debate, que teve a mediação do professor Diorge Konrad, do curso de História da UFSM, cerca de 30 pessoas.

## Perseguição

Conforme o Jornal do Brasil do dia 14 de dezembro, oito professores da Universidade Católica de Brasília (UCB) foram demitidos no começo do mês - aparentemente por terem criado, no dia 5 de novembro, a associação dos docentes da instituição. A denúncia partiu dos próprios professores que, revoltados, atribuem as dispensas ao fato de terem criado uma seção sindical que pretendem tornar responsável por cuidar dos interesses e reivindicações da categoria dentro da UCB. Na virada do semestre, 32 docentes foram demitidos. Desses, oito faziam parte da associação que acabava de ser fundada.

De acordo com o presidente da recém criada seção sindical, Adriano Sandri, a organização está registrada em cartório e garantida pelo Sindicato Nacional dos Docentes de Instituições Superiores (Andes). No dia 5 de novembro, uma carta foi enviada para toda a comunidade acadêmica convidando a todos para que se filiassem. A mesma correspondência foi enviada à reitoria solicitando uma reunião. Três semanas depois, o encontro com a reitora, Débora Niquini, não foi marcado. “Todos os demitidos eram integrantes da diretoria da associação. A reitora da UCB, nem sequer nos recebeu para uma conversa. Simplesmente não reconheceu a seção sindical e nos demitiu. Sem ouvir ninguém e sem dar explicações”, afirmou Sandri, que completaria 10 anos como professor da UCB. (Fonte: ANDES-SN)